

IPATINGA: SANGUE DOS OPERÁRIOS; MATÉRIA PRIMA PARA OS PATRÕES

Hoje, o parte importante da domo-
gia dos patrões docantaron o cr-escimen-
to da indústria siderúrgica do país. U-
na delas é a Usiminas - empresa do capi-
tal misto, nacional e japonês (Nippon
Steel Corporation, segunda empresa sideo-
rúrgica do mundo). Esta situada em Ipa-
tinga, cidade de 38.000 habitantes, no
interior de Minas. Entre eles, 10.000
habitantes são operários da Usiminas ou
da Açosita.

A usina tinha prometido pra os tra-
balhadores facilidades de transportes,
meradia e alimentação, que depois não
vioram. Os saltar a meravam de 4 a 8,
num só quarto. A alimentação, de tão
ruim, provocava desidratação. Como po-
dro era servida aos trabalhadores, que
eram transportados para os locais de
trabalho em caminhões sem proteção e
com motoristas armados. A vigilância o-
ra feita pelos maiores pistoleiros do
Vale do Rio Doce, alguns com o "record"
de sete assassinatos cometidos.

OS CONFLITOS CONTRA OS PATRÕES

Devido ao desaparecimento de mate-
riais da usina, começaram humilhantes
revistas de operários na entrada e sai-
da do trabalho. Transformadores de uma
tonelada, 700.000 tijolos, ventanheiros
de 475 kg. eram procurados dentro das
marras dos companheiros. Isto começou
a causar frequentes atritos entre a vi-
gilância e os operários. A direção da
empresa não tem conhecimento das re-

clamações dos trabalhadores. A partir
de janeiro de 1963, os atritos se torna-
ram mais frequentes, com espancamentos
dentro da própria Usina.

Quando os atritos chegaram a um
ponto que várias pessoas foram int-
ernadas em hospital, a vigilância ordenou
que a cavalaria ficasse de prontidão.
No dia 6 de outubro de 1967 (domingo,
às 22 horas) em um outro atrito provoca-
do pelos milicos, surgiu a cavalaria, que
espanca os trabalhadores com sabre e os
derruba sob as patas dos cavalos. O pa-
ra isso que serve a polícia dos patrões.

Os companheiros se dirigem, então
para os alojamentos, no bairro do Santa
Mônica, espalham a notícia de espanca-
mento e reúnem os outros moradores. Lá
havia uma liderança formada, mas, mesmo
assim, foram feitas reuniões. Decidiu-
se fechar a entrada principal e as barri-
cadas e impedir a entrada da polícia na
área dos alojamentos. Guarda-rupas, be-
liches, tambores de lixo, tudo serviu
para erguer as barricadas.

OS OPERÁRIOS LUTAM NAS RUAS

A polícia tentou várias vezes ul-
trapassar as barricadas mas não conse-
guiu. Voltou então, armada de fuzis e
metralhadoras de mão e tripé. Invadiu
um alojamento separado dos demais e cu-
jos moradores já estavam quase todos
dormindo. Foram acertados sob coxas, nos
coronhados e chutis de espera. Os cães
de guarda dos patrões levaram todos que

2328

ali estavam, presos para o quartel da cavalaria onde foram humilhados e torturados.

Um tal de engenheiro Gil, capataz-chefe da usina, voltou ao alojamento com a proposta de seltar os operários presos, em troca da rendição incondicional dos moradores. Afinal, através da mediação de um padre, combinou-se que o exército faria o policiamento até que fossem substituídas a vigilância e a polícia.

Mas o exército dos patrões se mostrou melhor carrasco que sua polícia.

Na manhã seguinte, 7 de outubro às 3-30, a situação ainda estava indefinida. Os trabalhadores, mais ou menos espontaneamente, começaram a formar piquetes nos locais de entrada. O maior deles, de três mil operários, formou-se onde passou a funcionar a Expedição de Guisa de Produto. Estavam armados apenas de paus e pedras. E mais uma vez houve tentativas de romper a resistência. Os pequenos choques logo degeneraram em conflito violento. O exército abriu fogo, matando muitos trabalhadores à queima-roupa. Não havia experiência

de tática militar sobre os trabalhadores. Alguns operários tentaram subir no caminho para se apressar das metralhadoras. Foram todos mortos. Nove caixões foram mostrados à imprensa pela polícia e pela administração da empresa. Mas só de Governador Valadares vieram mais de 80 caixões, pedidos pela Usiminas, para sepultar os cadáveres metálicos. Corpos com perfurações de balas foram encontrados entre os eucaliptos, nos arredores da Usina, dias depois. Uma ambulância que se achava no ambulatório central foi perfurada pelas balas.

Os trabalhadores não esqueceram. Em 1970, foi candidato à prefeito de Ipatinga, José Francisco, que na época era sargento da polícia. Em todos os cartazes de sua propaganda os operários escreveram a palavra "SOLDADO".

O proletariado de Ipatinga conheceu por experiência própria a sanha repressiva do Estado dos patrões. A chama do seu ódio é intensa e vigorosa. Ela só será apagada quando o sangue dos companheiros mortos tingir de vermelho todas as bandeiras que tremulam sobre o solo brasileiro.

VIVA A LUTA DOS
TRABALHADORES

IPATINGA: SANGUE DOS OPERÁRIOS, MATÉRIA PRIMA PARA OS PATRÕES

Hoje, é parte importante da demagogia dos patrões decantarem o crescimento da indústria siderúrgica do país. Uma delas é a Usiminas, empresa de capital misto, nacional e japonês (Nippon Steel Corporation, segunda empresa siderúrgica do mundo). Está situada em Ipatinga, cidade de 38.000 habitantes, no interior de Minas. Entre eles, 10.000 habitantes são operários da Usiminas ou da Acesita.

A usina tinha prometido para os trabalhadores facilidades de transportes, moradia e alimentação, que depois não vieram. Os solteiros moravam de 4 a 8, num só quarto. A alimentação, de tão ruim, provocava desidratação. Carne podre era servida aos trabalhadores, que eram transportados para os locais de trabalho em caminhões sem proteção e com motoristas armados. A vigilância era feita pelos maiores pistoleiros do Vale do Rio Doce, alguns com o “Record” de sete assassinatos cometidos.

O conflito contra os patrões

Devido ao desaparecimento de materiais da usina, começaram humilhantes revistas de operários na entrada e saída do trabalho. Transformadores de uma tonelada, 700.000 tijolos, ventaneiras de 475 kg. eram procuradas dentro das marmitas dos companheiros. Isso começou a causar freqüentes atritos entre a vigilância e os operários. A direção da empresa não tomou conhecimento das reclamações dos operários. A partir de janeiro de 1963, os atritos se tornaram mais freqüentes, com espancamentos dentro da própria Usina.

Quando os atritos chegaram ao ponto que várias pessoas foram internadas em hospital, a vigilância ordenou com a cavalaria ficasse de prontidão. No dia 6 de outubro de 1963 (domingo, às 22 horas) em um outro atrito provocado pelos milicos, surge a cavalaria, que espanca os trabalhadores com sabre e os derrubada sob as patas dos cavalos. É para isso que serve a polícia dos patrões.

Os companheiros se dirigem então, para os alojamentos, no bairro de Santa Monica, espalham a notícia do espancamento e reúnem os outros moradores. Não havia uma liderança formada, mas, mesmo assim, foram feitas reuniões. Decidiu-se fechar a entrada principal com barricadas e impedir a entrada da polícia na área dos alojamentos. Guarda-roupas, beliches, tambores de lixo, tudo serviu para erguer as barricadas.

Os operários lutam nas ruas

A polícia tentou várias vezes ultrapassar as barricadas mas não conseguiu. Voltou então, armada de fuzis e metralhadoras de mão e tripé. Invadiu um alojamento separados dos demais cujos moradores já estavam quase todos dormindo. Eram acordados com **cacetadas**, coronhadas e chutes de espora. Os cães de guarda dos patrões levaram todos que ali estavam, presos para o quartel da cavalaria onde foram humilhados e torturados.

Um tal de engenheiro Gil, capataz-chefe da usina, voltou ao alojamento com a proposta de soltar os operários presos, em troca da rendição incondicional dos moradores. Afinal, através da mediação de um padre, combinou-se que o exército faria o policiamento até que fossem substituídas a vigilância e a polícia.

Mas o exército dos patrões mostrou-se melhor carrasco que sua polícia.

Na manhã seguinte, 7 de outubro às 8:30, a situação ainda estava indefinida. Os trabalhadores, mais ou menos espontaneamente, começaram a formar piquetes nos locais de entrada. O maior deles, de três mil operários, formou-se onde passou a funcionar a Expedição de Guias de Produto. Estavam armados apenas de paus e pedras. E mais uma vez houve tentativas de romper a resistência. Os pequenos choques logo degeneraram em conflito violento. O exército abriu fogo, matando muitos trabalhadores à queima-roupa. Não havia experiência de tática militar entre os trabalhadores. Alguns trabalhadores tentaram subir no caminhão para se apossar das metralhadoras. Foram todos mortos. Nove caixões foram mostrados à imprensa pela polícia e pela administração da empresa. Mas só de Governador Valadares vieram mais de 80 caixões, pedidos pela Usiminas, para sepultar os cadáveres metralhados. Corpos com perfuração de balas foram encontrados entre os eucaliptos, nos arredores da Usina, dias depois. Uma ambulância que se achava no ambulatório central foi perfurada pelas balas.

Os trabalhadores não esqueceram. Em 1970, foi candidato a prefeito de Ipatinga, José Francisco, que na época era sargento da polícia. Em todos os cartazes de sua propaganda os operários escreveram a palavra "SOLDADO".

O proletariado de Ipatinga conheceu por experiência própria a sanha repressiva do Estado dos patrões. A chama de seu ódio é intensa e vigorosa. Ela só será apagada quando o sangue dos companheiros mortos tingir de vermelho todas as bandeiras que tremulam sobre o solo brasileiro.

VIVA A LUTA DOS TRABALHADORES

(Publicado no jornal Política Operária, jornal de combate da classe operária, n. 41, outubro de 1971)